



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Sagnes, Sylvie

Uma memória compartilhada: o romance francês da guerra civil, do êxodo e do exílio
espanhóis

História Unisinos, vol. 15, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 370-381

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866828005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma memória compartilhada: o romance francês da guerra civil, do êxodo e do exílio espanhóis¹

A Memory in the Will: The French Novel of the Spanish Civil War, Flight and Exile

Sylvie Sagnes²

sylviesagnes@wanadoo.fr

Resumo. A recordação da Retirada é hoje cultivada na França por uma comunidade memorial porosa que admite, ao lado dos herdeiros diretos dos republicanos exilados, número de peças trazidas. Apreender esses *outros* da memória, da diversidade de seu recrutamento social e as questões ligadas à sua adoção voluntária constitui uma vasta ambição, na visão daquela escolha de questionar a partir de uma produção memorial particular, no caso o romance de memória, permite delimitar um terreno mais facilmente perceptível. Contribuindo para elucidar a razão de ser desses *outros*, a etnografia do romance da Retirada abre novas perspectivas sobre uma memória do êxodo e do exílio que tende a cobrir a voz das associações que militam pelo reconhecimento desta memória. De fato, o romancista faz ouvir um ponto de vista dissonante, onde se misturam quatro sensibilidades: as do testemunho, do historiador, do moralista e do francês. Sob sua caneta, o discurso vitimizante e heroizante que a comemoração pública apresenta se vê, então, singularmente temperado pela difamação do engajamento político e da ideia de uma possível resiliência. Deste modo, as acusações culpabilizantes destinadas à França de 1939 podem dar lugar a uma imagem positiva da recepção. A análise tenta dar conta desta dissidência memorial que não diz seu nome.

Palavras-chave: memória, comunidade memorial, romance de memória, guerra civil espanhola, espanhóis republicanos.

Abstract. The remembrance of the Retirada is improved today in France by a porous memory community that admits, close to legitimate heirs to Republicans exiles, a great number of late additions. Grasping these *others* of the memory, the diversity of their social recruitment and the issues which are bound to their intentional adoption, makes a huge ambition, from which choosing to conduct the survey from one specific memory production, the memory novel to be specific, allows to delimit a more easily seizable field. While it contributes to clear up the reason of these *others*, the novel's ethnography opens new viewpoints on the flight and exile memory that the voice of the activist associations for memory recognition tends to drown out. It's true that the novelist makes a dissonant point of view heard, in which four sensitivities mingle, the witness', the historian's, the moralist's, the Frenchman's ones. According to his writings, victimizing and "heroising" views, that public commemoration sets, are remarkably tempered by politic commitments' denigration and the idea of a possible resilience. Likewise, accusations against the France of 1939 give way to a positive picture of the reception. Analysis attempts to show and explain this hidden memory dissidence.

Key words: memory, memory community, memory novel, Spanish Civil War, Spanish Republicans.

¹ Tradução de Simone Nunes Ávila (simoneavila10@brturbo.com.br). Revisão de Paula Pfluger Zanardi (paula_zanardi@hotmail.com) e de Carmem Cecília Pereira (revisartese@yahoo.fr).

² Sylvie Sagnes é etnóloga, pesquisadora no CNRS. Traz ao terreno das práticas patrimoniais (história local, arqueologia, museu da sociedade, etc.) a problemática do nativo abordada na sua tese. Além deste tema, ela se interessa pela história da sua disciplina e, consequentemente, questiona os processos de constituição das identidades eruditas (poligrafia, parentesco intelectual...).

Antes de fazer ouvir as vozes dos romancistas, sem dúvida importa explicar sua mobilização no estudo da memória da Retirada, de que esta contribuição retoma em grande parte os resultados³. Precedente ao estudo dos romances, foi primeiramente uma surpresa o fato de que certo número de indivíduos, embora não herdeiros da memória do êxodo e do exílio dos republicanos espanhóis na França, tenha assumido a causa. Além de associações especialmente dedicadas e dos filhos e netos dos refugiados de 1939, diretamente “implicados”, são de fato os eleitos: os jornalistas, os historiadores, pessoas originárias de outras imigrações, como os “econômicos”⁴ (descendentes de espanhóis que chegaram à França antes ou depois de 1939), que se aglomeram nos portões da comunidade memorial, formando uma multidão de demandantes legítimos e voluntários. Longe de herdar e transmitir no vazio, aqueles desta memória compartilham com os outros, estabelecendo laços com eles e relações mais ou menos “naturais”, e suscitando ideias tão diversas como a identificação e a concorrência. Considerada no processo de patrimonialização, do qual a Retirada é o tema hoje, esta abertura da memória não poderia ser subestimada, quando, na interface entre uma memória estritamente pessoal e uma memória mais global, se atua e se negocia a possibilidade de se recordar de outro modo.

No entanto, como apreender todos estes outros da memória sem se perder? Sem dúvida tomando o partido de agarrá-los por uma ponta e segurá-los. Exceto que, neste caso, toda compartimentalização da observação apresenta o sério inconveniente de relegar ao segundo plano o caráter eminentemente relativo das memórias examinadas e de encobrir a complexidade das filiações, os fenômenos de acumulação, de complementaridade, de intolerância ou de simples coexistência. Deixando os escrúpulos de lado, impôs-se a necessidade de definir o campo, não de uma ou várias categorias daqueles que se recordam, definidas *a priori*, mas a partir de um certo tipo de produção memorial. O romance, portanto, se impôs, assim, em meu campo de visão.

Pode-se questionar a pertinência de tal escolha. A produção de romances é suficientemente significativa para ser levada em consideração? É séria o suficiente quanto à gravidade inscrita no coração da memória da Retirada? As duas questões precisam de uma resposta positiva, considerando as presenças contíguas de autobiografias,

de ensaios de história e de romances nos programas de manifestações ou eventos célebres da comemoração. As páginas da internet, de sites especializados, como FFREEE⁵ ou *Espagne au cœur*⁶, favorecem a mesma proximidade.

A ficção, ao lado do testemunho e da história, é mais aceita deste lado dos Pirineus, ainda mais que não apresenta os problemas que atribuem, na Espanha, ao romance de memória. Lá, sua banalização, fomentada por uma inflação editorial exponencial, lhe rendeu uma série de críticas, a começar pelas dos próprios escritores que, de forma reflexiva, se voltam para este modo de “romance de memória” e se interrogam sobre a inflação editorial da qual participam. É o caso de Isaac Rosa, que propõe dois textos em um: faz a reedição de uma obra de sua juventude, *La Malamemoria*, entremeada nos capítulos do romance *Encore un fichu roman sur la guerre d’Espagne: lecture critique de La Malamemoria* (Rosa, 2007). Neste texto paralelo, o autor se desdobra em dissecar o conteúdo e a forma, denunciar a superficialidade do gênero e apelar para a responsabilização dos autores face à memória.

Na França, o romance parece saber se manter em seu lugar. Talvez isso não seja tanto por sua discrição, que lhe valeu o direito de “cidadania”, mas pela adequação de sua proposta sobre a tentação romanesca que repousa em cada um dos que lembram. Porque de certa forma cada memória familiar da Retirada se pensa como um romance em latência. Entre romance e memória, uma analogia emerge tão bem que, quando da passagem da memória oral à memória escrita, a consciência desta potencialidade romanesca pode facilmente fazer oscilar da autobiografia ao romance, ou no mínimo borrar as fronteiras entre os dois gêneros, dando origem a textos um tanto híbridos (veja a seguir).

Esta presença natural da memória nos romances, justamente chamados “de memória”, e a presença do romance nas memórias dos romances não têm nada de surpreendente para quem tem em mente as lições da sociologia e da antropologia. Maurice Halbwachs estabeleceu há muito tempo: a memória é fundamentalmente uma reconstrução do passado a partir do presente. Mas encontraremos aqui menos de seu valor de “presente significado” que de seu caráter de bricolagem e das manipulações das quais ela resulta. A visão errônea do passado que resulta disto procede de uma desnaturalização da história congê-

³ “Des exilés politiques aux vaincus magnifiques: mémoire des républicains espagnols (février 1939)”, estudo em colaboração com Véronique Moulinié em resposta à proposta da Missão à etnologia (DAPA – Ministério da Cultura) e da CNHI (Comunidade Nacional da História da Imigração), *Mémoire de l’immigration, vers un processus de patrimonialisation?* Em nome do GARAE (Grupo de Aude de pesquisa e de animações etnográficas), Carcassonne, 2007-2010. Ver, nesta mesma edição da *História Unisinos*, a contribuição de Véronique Moulinié.

⁴ “Migrantes econômicos” são aqueles que migram à procura de emprego e/ou melhores condições de vida (N. T.).

⁵ Disponível em: http://ffree.typepad.fr/fils_et_filles_de_public/livres/.

⁶ Disponível em: <http://espana36.voila.net/produc/produc.htm>.

nita ao romance histórico. Encontraremos aqui menos de seu valor de “presente significado” (Muxel, 1996, p. 199) que de seu caráter de bricolagem e das manipulações das quais ela resulta, feitas de escolhas e recusas. “Lembrar ou esquecer é fazer um trabalho de jardineiro, selecionar, podar. As lembranças são como as plantas: há algumas que têm de ser eliminadas muito rapidamente para ajudar as outras a se abrir, a se transformar, a florir” (Augé, 1998, p. 24). A metáfora da jardinagem que Marc Augé convoca certamente conviria aos historiadores, aplicada ao romance histórico e de memória. Eles não escondem sua contrariedade a este tipo de produção sobre a qual eles criticam a falta de rigor científico, seus atalhos, suas imprecisões e seus anacronismos. A visão errônea do passado que fica para o leitor procede de uma desnaturalização da história congênita da memória. Exceto que, nesta outra maneira de fazer da memória que é o romance, a parte transferida à ficção nunca é inconsciente de si mesma. O romancista, ao assumi-la, rompe com a experiência espontânea da reconstrução e da ilusão socialmente necessária de uma perfeita adequação da lembrança ao passado. Mas podemos também considerar a ficção como um suplemento de sentido, uma verdade (e não uma veracidade ou uma realidade) adicionada e, por consequência, o romance, como a expressão de uma “hipermemória”. Ao mesmo tempo “fora” e “dentro” (Flahault e Heinich, 2005), desencantamento e reencantamento da memória, o romance, ao jogar com a pluralidade de significados e verdades, os ultrapassa, os reinventa. Portanto, quais outros sentidos, quais outras verdades a escrita ficcional permite enunciar? Como as memórias trazidas pelo romance se situam umas em relação às outras e, sobretudo, em relação àquela que, trazida pelas associações, tende a recobrir as outras para exigir reparação do passado e do esquecimento?

O grão de um campo de escritas

A pesquisa se baseia em um *corpus* de 18 romances (ver Referências e Referências complementares). Cronologicamente, eles se distribuem ao longo de um período que começa em 1959 com o lançamento de *L'Espagnol*, de Bernard Clavel (1973 [1959]). Foi preciso esperar até 1984 para que o tema do êxodo e do exílio espanhóis ressurgisse, na França, no campo da ficção, com *Les petites Espagnes*, de Jean-Pierre Chabrol e de Claude Marti (1984), seguidos dois anos depois por *Il fera beau demain*, de Luce Fillol (1999 [1986]). Os anos 1990 não são mais prolixos, tendo surgido apenas *Les babouins du zoo de Barcelone*, de René

Grando (1994). Os 14 títulos que compõem o resto do *corpus* surgem da prensa na segunda metade dos anos 2000. O ritmo editorial acompanha, sem surpresa, a temporalidade de uma comemoração exacerbada pela perspectiva do septuagésimo aniversário do êxodo.

A seleção dos romances foi marcada pela heterogeneidade. Na verdade, estes romances se situam diversamente no mercado editorial. Editores renomados como Laffont, Flammarion, Denoël, Grasset ou Le Seuil compartilham o trabalho de publicar estes textos com editores obscuros de província como *Le grenier à sel*, Flam, Mare Nostrum, Trabucaire, Coëtquen ou Caïrn. No entanto, os autores publicados pelas “grandes” editoras não são propriamente escritores solidamente “instituídos”. Claude Marti tem apenas dois romances: *Les petites Espagnes* e *Camíñarém* (1978), co-escrito com Jean-Pierre Chabrol. Com Bernard Clavel, esse último compartilha as grandes tiragens e a popularidade, mas no seio da instituição literária, um e outro o fazem com o rótulo regionalista, um pouco “desqualificante”. O mesmo acontece hoje com Hélène Legrais, que aparece ao lado de escritoras de sucesso como Danielle Steel ou Kristin Hannah no catálogo de *Presses de la Cité*. À frente de uma bibliografia de sete títulos relacionados à Catalunha, Hélène Legrais assume plenamente esta etiqueta regionalista e também o rótulo igualmente desqualificante que se atribui aos autores de romances históricos. Ao lado de escritores regionalistas, figuram outros autores prolixos, cujas obras têm uma boa distribuição, ou seja, os autores de romances infanto-juvenis (Luce Fillol, Michele Bayar, Guy Jimenes) e os autores de romances policiais (Franck Membribe, Daniel Hernandez). Mas, também no seu caso, o sucesso não compensaria o menor prestígio associado às literaturas infantil e policial. De fato, entre os autores do *corpus*, apenas dois escapam de rótulos estigmatizantes e parecem melhor satisfazer os critérios de legitimidade literária: Serge Mestre e Olivier Sebban. No entanto, é mais frequente como tradutor (de Jorge Semprún, Manuel Rivas, Mayra Montero) do que como escritor que o nome do primeiro figura nas prateleiras das livrarias. Quanto ao segundo, depois de uma passagem na *France Culture*, ele encarna no momento, com seus dois primeiros romances, a figura do jovem escritor promissor do qual se espera que comprove seu talento. Então, no fim, mesmo os menos deslocados dos autores ocupam posições marginais no campo literário. A marginalidade, embora diversamente recusada, é, desta maneira, a unidade escondida deste *corpus*.

Se seus autores não se reconhecem e/ou não são reconhecidos como escritores em seu pleno direito, estes

⁷ Loja onde o sal era armazenado e vendido a um preço fixo pelo Estado e incluía o direito de imposto sobre o sal (N.T.).

romances são sobre *memória* no sentido pleno e inteiro da palavra. Isto significa que eles não o são apenas, como geralmente é o caso, em consideração do passado contado, dependentes da história imediata e/ou da história “escamoteada” (aquela que esquece a história oficial). Não se referindo simplesmente à ideia de que o romance “apela à memória do próprio romancista, às lembranças que ele tem de seu próprio passado, lembranças diretas ou que lhe foram relatadas por outros” (Merlo-Morat, 2009, p. 247), o termo “memória” significa aqui bem mais do que uma fonte de inspiração da qual extrair a matéria dos contextos, dos personagens, dos enredos a contar. De *memória*, estes romances o são por causa das diferentes implicações das quais eles se originam, começando pela presença do passado no presente que, por meio de personagens tocados pelo passado e tocando-o, é assunto para histórias. Além de seu conteúdo ficcional, esses romances, na realidade de seu amadurecimento e de seu resultado, colocam igualmente em cena implicações diversas. Destinados às famílias dos autores, a todos os descendentes de refugiados, à juventude que pretendem conscientizar, eles manifestam uma memória afetada e registrada oficialmente da qual é testemunha, por outro lado, o posicionamento dos autores, todos “envolvidos” de uma maneira ou de outra. Assim, os projetos de escrita colocam muito bem em cena esta alteridade de memória relatada no início.

Inspirando-se de forma muito explícita na história de seus pais e avós, Maria Garcia Maynadier, Jean-Claude Villegas, Raymond San Geroteo têm uma relação muito evidente com esta memória. Mas os herdeiros diretos da Retirada podem muito bem dispensar a herança familiar e produzir uma ficção “pura”. É o caso de Serge Mestre e Daniel Hernandez. Quanto aos outros (12 dos 17 autores do *corpus*), estrangeiros na Guerra Civil Espanhola, na *Retirada* e no exílio dos Republicanos, invocam diferentes boas razões para ter o direito de participar. A experiência no exílio é uma das principais afinidades alegadas. Para os “econômicos”, ela é, em razão das origens nacionais comuns, aquela que mais aproxima o *outro* da memória da Retirada de seus herdeiros diretos. É preciso, no entanto, distinguir a implicação serena de um Claude Marti, filho de “econômicos” antes de 1939, daquela muito menos evidente de um Albert Bueno, filho de imigrantes espanhóis chegados depois de 1939, implicação que, se fosse lógica, não exigiria justificativas suplementares que ele se sente obrigado a fornecer. O exílio é ainda tema para cinco outros romancistas que compartilham uma memória do repatriamento, do Marrocos para uns (Olivier Sebban, Franck Membribe), da Argélia para outros (Luce Fillol, Michele Bayar, Guy Jimenes). O restante dos autores se recruta ao lado dos franceses “de nascimento” – para dizê-lo rapidamente – que justificam diversamente sua ingerência nesta memória. A

recente promoção da Retirada ao nível de particularismo da história regional é o que lhe valeu figurar em uma quantidade de temas catalães que Hélène Legrais enuncia, romance após romance. Provavelmente porque tênue, para não dizer oportunista, o gancho da catalanidade é acoplado à missão, mais ou menos autoatribuída, de formatação da memória, adquirida em nome daqueles dos quais o romance conta a história. Caso contrário, é por circunstâncias pessoais que Jean-Louis Pouytès e René Grando elucidam seu sentimento de participar desta história: uma tradição familiar de apoio à Espanha republicana, um engajamento político à esquerda, uma sensibilização nascida do contato com os espanhóis. Para Jean-Pierre Chabrol, a implicação vai muito além das reuniões vermelhas que ele pôde fazer no interior do exército das sombras. A convivência com os Republicanos espanhóis não importa tanto no seu caso quanto a condição humana, compreendendo aquilo que faz com que qualquer um possa reivindicar para si, em nome de sua humanidade, este passado no qual se condensam o melhor e o pior do homem.

Todas estas formas de “ser” descrevem uma bela variedade de posturas, e com ela uma aferição contrastada de lembranças. Certamente. Mas por serem sistematicamente justificáveis e/ou justificadas, elas dizem também da necessidade de ser, desviando, assim, a perspectiva esboçada desde o início, ou seja, a ideia segundo a qual se joga, com os *outros* da memória, a possibilidade de se lembrar de outra forma. Se esta exigência implícita não invalida esta hipótese, ela convida, não obstante, a pensar diferentemente a porosidade da comunidade memorial. Esta apresenta – ou seria mais exato dizer que nós supomos – um limiar de tolerância, perceptível nas justificativas incertas de Albert Bueno. Vista desde as margens da comunidade memorial, a memória do êxodo e do exílio aparece, assim, menos automaticamente adotável do que dão a supor as aparências. Os valores que ela veicula, os sofrimentos que testemunha são de uma universalidade que excluiria certas incompatibilidades, entre as quais a suspeita de simpatia pelo franquismo. Esta, os “econômicos”, a partir de 1939, como Albert Bueno, sabem bem que, às vezes, pesa sobre eles. Esta é a única impossibilidade? Compete às investigações futuras nos informar mais sobre este ponto mais adiante. Por ora, cabe-nos perguntar o que estas variações sobre a implicação nos permitem entender da memória da Retirada, neste caso uma memória complexa, compartilhada entre quatro pontos de vista a respeito do passado: o da testemunha, o do historiador, o do moralista e o do francês.

A testemunha

De maneira bastante inesperada em relação ao pouco caso que fazem, por seu lado, os militantes da

memória, o romance privilegia a guerra civil. Sobre o pano de fundo formado pelas grandes datas, eventos, atores principais, os autores descrevem a guerra tal como a vivem, a fazem, como a suportam os homens e mulheres anônimos que ela mutila, traumatiza, tanto física como psicologicamente, superando todas as outras em destruição, terror e sofrimento:

Toda guerra civil é particularmente terrível, atroz, mas a da Espanha bate tristemente todos os records vividos até então. É uma carnificina apavorante. Cada lado sabe doravante que a vitória de um só será definitiva após o massacre do outro. [...] Os fogos eclodem na cidade, queimando as casas. Em todos os lugares se ouviam gritos de dor. Cheias de terror, as pessoas se ajoelhavam, levantando as mãos aos céus para implorar a providência divina. Em ambos os lados se abatem pouco a pouco o desânimo, a fadiga e uma soma de sofrimento e miséria inigualáveis (Garcia-Maynadier, 2009, p. 84).

Enfatizar o caráter paroxístico deste conflito reapparece para nossos autores, implicitamente, para legitimar a postura de testemunha que é a deles, como ela é, ainda mais, a propósito do êxodo. Junto, por ora, com a retórica comemorativa dominante, este ponto é particularmente desenvolvido nos romances, objeto de uma ênfase que as primeiras capas ilustradas do *corpus* prefiguram. Entre os 15 dotados de uma imagem, seis de fato fazem referência direta a ele (Figura 1). Assim, de um romance a outro, repete-se a evocação daqueles dias terríveis, ao longo dos quais o destino dos protagonistas balança. Clichê do clichê, jamais falta uma descrição panorâmica, duplicando em palavras aquilo que os fotógrafos de então fixaram sobre a película e que hoje as exposições, os livros de história e os álbuns de memória reproduzem à vontade. Não contente de aumentar a ação para içá-la à altura de uma tragédia nacional, esta pintura expandida proporciona aos sofrimentos individuais uma caixa de ressonância própria para melhor compreender seus excessos. Como que para denunciar a cicatriz, o romance insiste na relutância da França em abrir suas fronteiras e na espera dos refugiados, perdidos no não-lugar e na incerteza de um entre-dois-mundos. Aproximando-se dos personagens, o romance escrutina os corações e as almas para dissecar a dor desta fuga. Rompendo com a figura do *guerrillero*-herói, promovida pela geração dos pais, os autores nos descrevem soldados cheios de impotência e vergonha, lutando contra a agonia da derrota: “Quando ele retorna para seu exílio,

não lhe restava mais olhar. Uma evidência cai sobre ele: deveria ter morrido em combate. Sentia-se completamente derrotado. Totalmente derrotado. Totalmente vencido, caçado como um animal da sua terra, deixava-a com a morte em si. Sua morte enterrada em suas entranhas. Teria sido melhor uma bala para terminar nas trincheiras de Madrid” (Pouytès, 2005, p. 166). Assim apanhados pelo processo de vitimização, milicianos e refugiados são tomados por um sentimento imensurável de desgosto, de dilaceração. Jean-Louis Pouytès, convencido de “que uma parte da Espanha não passa a fronteira”, encarnou esta Espanha no personagem de Manuela, que morreu antes de passar a fronteira e cujos restos mortais foram enterrados às pressas. “Eles deixam algo para trás, ainda”, explica ele, “mesmo aqueles que passaram, eles deixam algo para trás, chegam aqui inválidos, um pouco.” O romance invoca outras razões: a perspectiva de um futuro sem raízes, a impossibilidade de transmitir, a angústia do desconhecido, a incerteza.

Na ficção, a vida nos campos⁸ não ocupa o lugar central, como o faz a comemoração hoje na França, mas não deixa de estar presente, pelo menos nos textos mais recentes. Em 1959, Bernard Clavel faz raras e rápidas alusões: “Deve ser bom nestes campos” (Clavel, 1973, p. 24); “Em sua cabeça havia agora uma torrente de imagens”, entre as quais “o campo; os parasitas, a fome” (Clavel, 1973, p. 336). A questão, entretanto, se coloca, mas com Pablo, o protagonista, Clavel se esquia da resposta. Trinta e cinco anos depois, René Grando nos propõe, em *Les babouins du zoo de Barcelone*, uma espécie de turnê dos campos na comitiva de Miquel, que, querendo escapar de seu destino de derrotado e exilado, agrava ainda mais o seu caso, confrontando o leitor com condições de confinamento ainda mais terríveis (Argelès, o Fort de Collioure, a cidadela de Mont-Louis, o campo de Vernet, uma companhia disciplinar da África do Norte) e, conseqüentemente, com uma degradação crescente. Em *Le jour de votre nom*, Olivier Sebban não nos poupa nada dos incômodos da vida no campo de Gurs: o desconforto dos quartéis, os ratos e suas mordidas, as baratas e suas corridas noturnas, as palhas impregnadas dos suores de seus ocupantes anteriores, o frio, a umidade, a lama, a promiscuidade, as alterações de humor e o egoísmo excessivo; além disso, a perversidade e crueldade do pessoal da administração, a humilhação e a degradação, a fome, a privação do sono, a sujeira, a doença, o desespero e a aniquilação. Seu protagonista não é “mais do que uma casca vazia, desprovida de sofrimento” (Sebban 2009, p. 253), “incapaz de experimentar o início de um

⁸ Campos de concentração de refugiados espanhóis na França (N.T.).

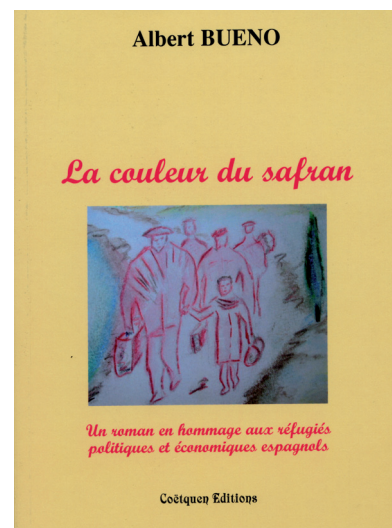
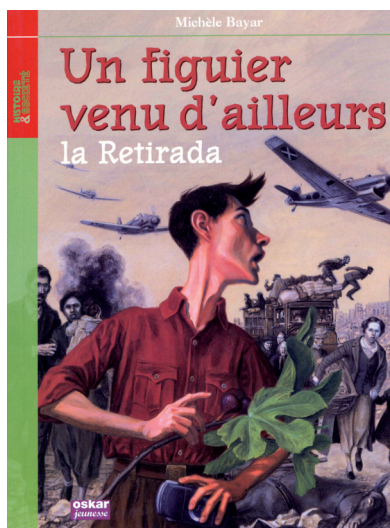
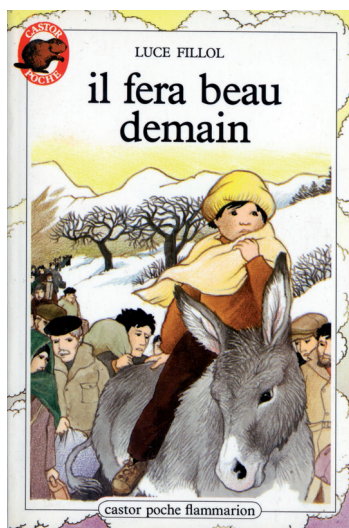


Figura 1. A travessia dos Pirineus: motivo central da memória da Retirada. Três primeiras capas.
Figure 1. The Pyrenees crossing: the main motif of the *Retirada* memory. First three covers.

sentimento de revolta” (Sebban, 2009, p. 255). O autor se engaja em uma pintura crua na qual não economiza nenhum detalhe como, acerca de um suicídio, “o som do deslocamento do corpo pendurado em uma viga da estrutura” (Sebban, 2009, p. 158). Para serem menos focados na questão dos campos, os outros romances do *corpus* dedicam suficientes páginas para que a comparação revele os padrões, os estereótipos, que se relacionam com aqueles que veiculam, de seu lado, a retórica comemorativa e o discurso dos historiadores nativos: a precariedade dos abrigos cavados na areia, a corrida ao pão durante as primeiras distribuições, as sanções disciplinares como o “hipódromo”, a prisão dos rebeldes no Fort de Collioure, sem omitir os suicídios, sugerindo, melhor que um outro, o nível atingido na escala do intolerável.

Se a escritura romanesca ganha em eficácia vitimizante ao multiplicar este tipo de evocação, ela, entretanto, não vai mais longe. Ela evita, principalmente, inferir na questão dos campos nazistas, que foram, no entanto, para muitos refugiados espanhóis na França, o destino final, a que, aliás, *La Défunte* e *Le jour de votre nom* fazem alusão. No primeiro, nenhum relato dá conta da permanência de Miguel em Mauthausen, enquanto que o segundo termina com a chegada de Álvaro em Mauthausen, sem se aprofundar. Os campos nazistas marcam claramente o limite intransponível da escritura martirológica. Abstendo-se de investir em território reservado a outras memórias, especialmente a do Holocausto, o romancista-testemunha da Retirada admite que não apenas os espanhóis de 1939 ocupam o cume da hierarquia dos sobreviventes do sofrimento, como sugere esta passagem de *Il fera beau demain*:

No início, ele [Emilio] não coordena o sentido das frases. Então, de repente, as revelações do médico se tornaram compreensíveis. As palavras atingiam seus ouvidos e sua mente imediatamente transformava estas palavras em visões atrozes. A guerra já tinha lhe imposto suas imagens cruéis e injustas. Ele pensava que nada poderia superar o horror do que tinha visto. No entanto, naquele momento, aquilo que ouvia lhe descrevia os sofrimentos ainda mais horríveis do que ele poderia ter imaginado. [...] Tremia na cadeira, como se o “monstro” estivesse lá, pronto para prendê-lo, para levá-lo, como tinha feito à família de M. Nederman (Fillol, 1999 [1986], p. 141).

O mesmo também se aplica à memória do franquismo, intimamente entrelaçada com a dos campos, especialmente nos textos da Maria Garcia-Maynadier e Serge Mestre. *Elles s'appelaient Maria* e *La lumière et l'oubli* narram o pós-1939 na Espanha: a suspeita generalizada, as acusações, as prisões sem motivo, as humilhações e as repreensões não mais justificadas, os interrogatórios e torturas perpetradas, as condenações, os aprisionamentos e os *paseos* dos quais nunca ninguém retornava. De sua parte, Mestre dedica longas páginas à situação das mulheres de republicanos e aos seus descendentes: o confinamento em conventos, o roubo de suas crianças, as execuções de mães após o desmame, as perversões, humilhações e penitências impostas, os estupros perpetrados pelas próprias freiras em adolescentes, em seguida, jogadas ao pasto para os homens da *Guardia Civil* ou aos membros do clero; os sequestros de pequenos refugiados na França, repatriados e reeducados à força. *Elles s'appelaient Maria*, cuja ação se

desenrola essencialmente em Gorafe, uma aldeia de *cuevas* nas profundezas da Andaluzia, centra-se mais em mostrar um povo exangue por tanta exploração e desapropriação, forçado à rapinagem, à mendicância, ao exílio. Assim conduzida, a emigração definitiva se apresenta como um resultado tão inevitável quanto o êxodo de 1939:

Ele [Manolo] havia tentado de tudo, a Espanha não podia fazer mais nada por eles. Manolo não queria mais miséria, nem meia-miséria. Para fazer um sacrifício, tinha de ser grande. Nesta aldeia, seu futuro se limitava à circunferência de um tronco de oliveira. Ele sufocava! Mesmo os seus pensamentos não lhe pertenciam, a prisão espreitava os homens que ousavam ter ideias contrárias a esta política fascista. Ele tinha medo de não poder criar suas filhas com dignidade, e não tinha certeza de lhes dar o pão de cada dia. Isto Manolo não podia suportar. Só de pensar nisso, todo o seu corpo tremia de raiva e angústia. [...] Estava decidido, eles iriam partir para muito longe daqui (Garcia-Maynadier, 2009, p. 227-228).

O romance estabelece, assim, uma simetria, uma equivalência entre os êxodos de 1939 e os seguintes. E faz mais: sugere a congenitalidade das memórias da Retirada e do franquismo. Em *Elles s'appelaient Maria*, este parentesco memorial se dá através das relações de aliança e de filiação renovadas após uma separação de 17 anos entre Manuel, exilado em 1939, e o resto da sua família, que acaba por deixar Gorafe para se juntar a ele na França. Em *Serge Mestre*, o parentesco das memórias é sugerido por dois personagens, Emmanuel, nascido na França, filho de um refugiado de 1939, e Julia, que nasceu e cresceu na Espanha franquista. Colegas de trabalho, eles são os primeiros intrigados pela afinidade que os une, e só descobrem o motivo – um ancestral paterno em comum – no fim do romance. Albert Bueno recorre à mesma metáfora, ou quase: Solange e Enrique, criados separados em cada lado dos Pirineus, também descobrem que são irmãos no fim da narrativa. Mas se Albert Bueno imagina o mesmo desfecho, o resto do romance não corresponde em nada, no período franquista, àquilo que se encontra sob a escrita de Serge Mestre e Maria Garcia-Maynadier. Este capítulo da história contemporânea espanhola se reduz a poucas linhas relativas à emigração dos pais do narrador para a França e à de seu tio e sua tia para a Alemanha. Albert Bueno, filho de “econômicos” emigrados nos anos 1950, todavia não é, de todos os autores do *corpus*, o mais predisposto a se debruçar sobre o assunto? Este relativo silêncio está relacionado, certamente, com o sentimento de ilegitimidade mencionado anteriormente. De fato, são dois dos cinco descendentes de refugiados de 1939, no presente

caso os que seriam menos esperados sobre o assunto, que acabaram se tornando os arautos dessa *outra* memória.

Esta inversão de papéis na promoção e na defesa das memórias nos fornece material para a reflexão. Primeiro, mostra que os preconceitos contra a memória dos “econômicos” do franquismo são mais o resultado de uma autocensura do que uma real resistência objetada pelas lembranças de 1939. No entanto, não é impossível que, deste ponto de vista, assim como de outros, o romance forme um espaço à parte no âmbito da rememoração. Ele também nos oferece, por outro lado, a oportunidade de refletir sobre a necessidade destes *outros* da memória frente a uma memória dada. Parece que estes *outros* se encarregam de uma escrita que obstáculos, de ordem psicológica ou social, impedem aqueles da memória de assumir: o pudor, o sentimento de ilegitimidade (diversamente alimentado, no caso dos filhos de “econômicos” posteriores a 1939, pela suspeita de simpatia ao franquismo, pela imigração difusa e por nefastas motivações econômicas). Em outras palavras, os *outros* da memória são indispensáveis, pois eles fazem emergir as pretensões da memorabilidade. Inspirada pelos *outros* da memória sustentada do franquismo, esta hipótese é transponível, pelo menos na circunferência do romance, aos *outros* da memória da Retirada. Os primeiros romances, cronologicamente falando, são, na verdade um reduto exclusivo de *outros* da memória: Clavel, Marti, Chabrol, Fillol, Grando. Além do romance, o tom altamente vitimário desta memória defende a admissibilidade da proposta. Neste sentido e para terminar com esta mudança martirológica, enfatizamos sua incidência sobre a superfície do memorável. A memória da guerra civil, do êxodo, do exílio, da opressão franquista não é mais somente aquela dos *guerrilleros*, mas incorpora os esquecidos de ontem: os não-combatentes, as mulheres e as crianças, vítimas, em última instância, tanto do totalitarismo como de seus pais e maridos. Esta revanche dos civis, corolário da transformação do herói em derrotado deprimido, permite perceber uma desarmonia entre a retórica memorial dominante e o romance.

O historiador

Convidando-se para o tribunal da história, o romancista cava o fosso. Ele então se aproxima do historiador profissional e de sua preocupação com a objetividade. Como ele, imputa a responsabilidade pela guerra e suas atrocidades aos dois campos, republicanos e franquistas: “Havia roubos, crimes lá? – Sim, senhor, havia. Mas em ambos os lados. Quero dizer que da parte dos dois e na presença de ambas as partes, houve muitas ações feias. Muitas, senhor. Posso lhe jurar. Eu as vi” (Fillol, 1999 [1986], p. 102). E o romance persiste e assina, enquanto mostra como esses dissensos ope-

ram, não na escala distante da grande família nacional, mas naquelas mais próximas do local, das relações de amizade e familiares. Em *Un figuier venu d'ailleurs*, Michèle Bayar retrata o reencontro de dois amigos de infância, Felix e Lluis, no pânico do êxodo. Uma vez passada a emoção dos abraços, eles se descobrem pertencentes a campos opostos. A emoção deu lugar ao dilema, às ameaças, às armas apontadas, e apenas a memória da amizade passada permite deixar por isso mesmo. Guy Jimenes vai mais longe: o jovem Emilio, sobrevivente do inferno de Guernica, sozinho no mundo, foi adotado por um casal fascista, que se tornam os únicos parentes remanescentes da criança. Mais tarde, a criança, agora adolescente, é reconhecida por um dos seus tios, que tenta tirar partido, em dinheiro, desta adoção ilegal. O pai adotivo mata o chantageista e o faz desaparecer, fundando por este ato definitivo um segredo de família cuja lenta revelação constitui a trama do romance. Dito isto, somente a literatura para a juventude aborda de frente este tema, tornando-se uma especialidade que deve, sem dúvida, ser colocada na conta da maior preocupação com a objetividade deste tipo de obra. No entanto, pode surpreender a sub-representação deste tema, cujo grande potencial podemos antever e do qual a literatura, aliás, tem feito grande uso. Consideremos, entre outros, *L'ami retrouvé*, de Fred Uhlman, *L'empreinte de l'ange*, de Nancy Huston, *L'Amour au temps du choléra*, de Gabriel García-Márquez. Agora a guerra vivida nesta escala é como “esquecida” nos romances da Retirada. Abordar-se-ia um dos suportes da memória, aquele de um não-dito muito doloroso e ainda intransitável? Mantenhamos, por enquanto, esta condenação em bloco e franquistas e republicanos instigadores de infortúnios, próprio para contrariar os militantes da memória.

É inadmissível, aos olhos destes militantes, a lembrança dos dissensos no seio do campo republicano, pois o fato é que a questão política é hoje consideravelmente simplificada no discurso comemorativo dominante, com os “republicanos espanhóis” de um lado, o “fascismo” ou o “totalitarismo” do outro. Nos monumentos e nos discursos, está desbotada a pluralidade da nebulosa republicana e, com ela, seus antagonismos internos. Pouco preocupado com santificação, o romance os expõe escancaradamente, erigindo, na sequência de George Orwell (*Hommage à la Catalogne*), o ataque à central telefônica de Barcelona, em maio de 1937, em referência recorrente e, portanto, emblemática desta falta de coesão. O evento se tornou referência uma vez que trotskistas (POUM), stalinistas (PCE) e anarquistas (CNT) mataram uns aos outros naquela ocasião. E, como para colocar o dedo na ferida, o romance lembra a permanência destes dissensos no exílio,

nos campos e no cotidiano das comunidades espanholas, após a libertação.

Os autores se empenham igualmente em mostrar ao leitor a inutilidade destas clivagens, enquanto tentam nos convencer da versatilidade dos engajamentos, desviados pelo exercício do poder, o oportunismo, o medo. Sempre mais próxima dos personagens, a divisão dos engajamentos pode revelar, além da inconstância, as motivações estrangeiras para as causas defendidas: brigas de vizinhança, vinganças não cumpridas, etc. Perseguindo sua exploração das almas, o romancista desaloja as razões mais distantes ainda dos ideais supostamente defendidos: “Fazemos a guerra com aquilo que pensamos e aquilo que não chegamos a dizer. Os outros fazem o melhor que podem. A maioria a faz com suas frustrações. Também é assim que eles praticam a política” (Sebban, 2008, p. 221). “Estamos todos aqui por outra coisa, na verdade”, escreve Olivier Sebban (2008, p. 225). A guerra civil é, portanto, a oportunidade do desenrolar do inconsciente: “Eu [Gonzalo] fui persuadido a lutar por uma causa, mas o fazia para satisfazer alguma coisa insensata que falava no fundo de mim mesmo e que eu não escutava, mas que mexia comigo sem cessar e me parasitava. Um protesto que eu passava o meu tempo tentando calar” (Sebban, 2008, p. 263-264). Sob a lupa que entrega ao leitor, a ficção mostra como as razões ruins acabam por esvaziar as boas do entusiasmo, da esperança, da fé que levam os mais “sinceros” a lutar. Ela mostra o desvio para o desengajamento, motivo que não é, provavelmente, estranho para a atual perda de confiança no lugar das ideologias e nos homens que as promovem, déficit que pode ser medido pelos recordes de abstenção e pelo constante declínio da inserção nos partidos políticos e nos sindicatos:

As atrocidades da guerra civil e a internação em Barcarès tinham minado completamente suas convicções mais profundas. Ele não tinha mais vontade de lutar por ideias, por mais justas e generosas que fossem. Estava convencido de que o egoísmo dos homens sempre acabava vencendo e que os ambiciosos aproveitavam a oportunidade para impor sua dominação e seus interesses, independentemente do partido que fossem. Ele não queria mais se sacrificar em um apostolado de combatente ou militante. Tinha apenas 20 anos e esperava se libertar de todo tipo de engajamento. Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, muitos de seus camaradas, ainda cheios de ilusões e esperança de vingança, se alistaram no exército francês ou no maquis⁹. Apesar dos pedidos,

⁹ Lugar situado nas montanhas ou florestas, onde se escondiam os resistentes durante a Segunda Guerra Mundial (N. T.).

ele se recusou a lutar novamente (Hernandez, 2007, p. 61-62).

Como historiador, o romancista se empenha em uma escrita da lucidez, da crueza dos fatos, cansado de heroísmo, sem concessão, aos antípodas do mito e da apologia. No entanto, observemos que todos estes romances são escritos a partir da perspectiva dos republicanos e, por conseguinte, não se originam do lado obscuro da força. Nenhum dos “nossos” romancistas toma por protagonista um franquista, como o faz Javier Cercas com Sanchez Mazas, escritor e ideólogo co-fundador da *Phalange*, em *Les soldats de Salamine*. Eles também não colocam a obra dentro da obra, como Vásquez Montalbán em *L'Autobiographie du général Franco*, ou Jonathan Littell em *Les Bienveillantes*, confissão autobiográfica ficcional de um antigo oficial nazista, Maximilian Aue. No entanto, como aponta Emmanuel Bouju, o objetivo dessas construções “atormentadas” não é tanto interrogar a história e a memória, e sim refletir sobre a escrita propriamente dita: seus processos e pertinência no recurso da ficção (Bouju, 2010). Enquanto espera debruçar-se sobre si mesmo, o romance francês da Retirada rompe seriamente com a homenagem sacralizante aos *guerrilleros* e com um irenismo¹⁰ simplificador no qual se dissolve hoje o passado conflituoso da comunidade memorial. Este duplo distanciamento abre no romance uma nova perspectiva, uma brecha na qual se engolfa o moralista que é também o romancista, ansioso para definir uma nova norma de engajamento.

O moralista

O tema da resistência se oferece como quadro narrativo privilegiado da exposição da norma e de sua antítese. Mas, mais uma vez, o romancista se distancia do discurso dominante. Enquanto os que comemoram destacam de bom grado, por exemplo, o fato de que os espanhóis da Segunda DB (Divisão Blindada) foram os primeiros a entrar em Paris no dia da sua libertação, o romancista toma cuidado para não transformar os derrotados de 1939 em vencedores de 1944. É que o romancista não examina diferentemente a batalha realizada na França daquela realizada anteriormente na Espanha. Entendida como o prolongamento, a importação da outra, ela a herda de forma atravessada, ou seja, um engajamento pervertido, que visa não a liberdade e a democracia, mas a libertação da Espanha e o retorno dos exilados à sua pátria-mãe. “Para libertar, a nós, espanhóis, é preciso ajudar os franceses a

sair primeiro” (Chabrol e Marti, 1984, p. 220), Chabrol e Marti fazem seus veteranos falar sobre seu “lindo sonho” (Chabrol e Marti, 1984, p. 233) de *reconquista*. El Taban encarna de maneira caricatural esta Resistência interessada e vã: os autores fazem deste veterano da guerra civil, tenebroso, sedutor e carismático, um dos pivôs da invasão do Val d’Aran em 1944 e do projeto de proclamar ali uma república provisória. No entanto, a operação resulta em um retumbante fracasso. Nesta quimera, o romance contrasta a voz da razão e das decepções, proferida por aqueles que cruzaram o caminho do pequeno exército: “Mais tarde, eles se reúnem com um professor muito jovem, que lhes diz: ‘Vocês fazem uma grande tolice. A situação mudou na Espanha desde que vocês partiram’” (Chabrol e Marti, 1984, p. 236); “À distância uma porta se entreabriu: ‘Somos soldados de la Republica...’ A porta bateu na sua cara, eles nem sequer viram se era uma mulher ou um homem” (Chabrol e Marti, 1984, p. 237); “O violinista, que tinha uma longa barba branca, suspirou: – Aonde vão vocês, meus pobres pequenos? Vocês são espanhóis, como nós, não continuem. Vocês vão perder a vida lá, ah! Vocês não sabem, vocês não sabem...” (Chabrol e Marti, 1984, p. 266). O romance coloca em cena a esterilidade de uma batalha antinatural, o absurdo de uma guerra civil deslocada e diferida, na contracorrente da História e do destino da Espanha, no sentido oposto do destino de cada um, como maneira de facilitar o desafio do re-enraizamento, do re-engajamento na vida, do recomeço voltado ao futuro e ao país anfitrião.

A outra maneira de abordar a resistência consiste precisamente em dar ao tema do engajamento esta tonalidade: e desta vez, o romance inverte completamente a perspectiva. René Grando nos facilita um pouco as coisas, quando incorpora em dois personagens, Ana e Miquel, o “bom” e o “mau” engajamento. Enquanto que Miquel curte sua perda, “tomado apenas por sua bulimia de liberdade e vingança” (Grando, 1994, p. 176), Ana entra para o exército das sombras, opõe à adversidade a resistência que convém, feita de paciência, resistência, perseverança, lucidez, coragem. Impõe-se aqui uma nova hierarquia de valores: a “paz”, o amor e um “futuro melhor” vêm à mente, bem à frente da Espanha e da República.

Mas, já em 1959, *L'Espanol*, de Clavel, esboça uma alternativa a este “bom” engajamento resistente, um tipo de “desengajamento engajado”. Para isso, Bernard Clavel constrói, em oposição, dois personagens de refugiados, inversamente simétricos, Enrique e Pablo. Ao deixar o campo, Enrique se engaja na Resistência, enquanto Pablo opta por trabalhar em uma propriedade vinícola.

¹⁰ Atitude conciliadora (N.T.)

Em relação à escolha de Enrique, Clavel justifica de duas maneiras, positiva e negativa, esboçadas no momento para considerar o engajamento resistente. No entanto, *L'Espanol* não é o lugar da confrontação desses pontos de vista. Ele se concentra mais na postura de Pablo, para quem a questão do engajamento é como uma serpente do mar. Posta no capítulo 7, a questão ressurge no capítulo 34 com a reaparição de Enrique. A evasão que se segue não impede uma terceira confrontação com o problema. Se Pablo finalmente se junta ao *maquis* “assim, quase naturalmente, sem hesitar, sem pensar” (Clavel, 1973, p. 353), é para voltar, no capítulo 48, quase tão rápido quanto ele partiu, doente de medo e trabalhado pela alternativa que, desde sua saída do campo, se apresenta a ele.

Na cabeça de Pablo, as palavras soavam. Palavras que escaparam das frases proferidas por Enrique:

– Guerra... matar... liberdade... libertação...

Outras palavras soavam também, que escapavam das frases lançadas por Buatois:

– A paz... a necessidade de lutar pela paz...

Havia, portanto, um longo diálogo de palavras picadas, entrecortadas por aquelas que o eco devolvia:

– Guerra...

– Paz...

– Espanha...

– Vingança...

– Libertação...

E, na cabeça de Pablo, as palavras se misturavam às de outras pessoas que subiam do fundo de sua febre:

“O escuro... A videira... Senhoria... Jeannette... Clo-pineau... A grande cozinha... O fogo... O medo. O medo da guerra... O medo da morte (Clavel, 1973, p. 381-382).

Pablo aspira simplesmente a sobreviver e até mesmo a reviver. O desafio nada tem de heroico no sentido “tradicional” do termo. À espetacularidade da glória ele opõe a simplicidade, a trivialidade, a invisibilidade da simples escolha de viver, depois e apesar da experiência do pior. Assim, podemos dizer que Clavel é o arauto de um heroísmo da resiliência, gerador de milhares de soldados desconhecidos, lutando contra o trauma e, antes de tudo, para eles mesmos. Imaginado meio século, um século depois, o personagem de Facundo Traperero, em Daniel Hernandez (2007, p. 94), livra-se do complexo de não-combatente; ele o diz e repete: “O importante, quando se teve um tempo difícil como nós, é conseguir estar bem na sua cabeça”.

Tu sabes que para mim tudo isso acabou. Para ti, eu sou talvez um desistente, mas penso ter contribuído sufi-

cientemente com todas essas ideias. Prefiro me dedicar à minha vida em vez de continuar lutando. [...] Todos os mortos que eu vi me exauriram. Preciso da terra, da natureza para me reconstruir. Não suporto mais as suas reuniões políticas, os debates intermináveis, os engajamentos que unem pés e mãos a causas pesadas demais para alguns homens (Hernandez, 2007, p. 143-144).

Se não esquece os outros, este “desengajamento engajado” que coloca o “eu” no centro, tem seu lado negativo, uma forma de “mau engajamento desengajado”, que por si só não toma o *maquis* como referência, mas o ordinário de uma sobrevivência mal empregada. Raymond San Geroteo o encarna em *La fille de l'anarchiste*. Produto de uma resiliência muito egocêntrica, o autismo social deve ser visto como a deriva e a antítese do heroísmo anônimo. Correndo o próprio risco, ele toca de leve na ameaça, paradoxal, de um totalitarismo do individualismo. No entanto, a questão do engajamento não esgota o potencial semântico da memória trazida pelo romance. Depois das vozes da testemunha, do historiador e do moralista, resta ouvir a do francês.

O francês

Problemático, o tema dos acolhedores como objeto nos romances está longe de receber um tratamento homogêneo. Sustentando-se na impressão geral, pode-se dizer que os fatos relatados, por sua gravidade, condenam a atitude dos franceses, sem que os autores tivessem necessidade de formular a acusação. Todavia, achamos, em alguns, um esforço de nuances, perceptível, por exemplo, em *Les babouins du zoo de Barcelone*, na figura fugaz – em meia página – de um guarda anônimo oferecendo um pacote de cigarros aos refugiados de partida para o campo. Alguns autores vão mais longe, a fim de equilibrar os pontos de vista, como Michèle Bayar, que mostra em um único movimento uma dupla imagem de acolhimento dos refugiados, negativa e depois positiva: “Um camponês francês, catalão do norte, oferece alguns pães a uma família em troca de uma joia. Com o êxodo espanhol, floresce um desagradável comércio nos Pirineus. Outros, felizmente, se dispõem a compartilhar o que possuem. Eles distribuem cobertores, meias, coletes, medicamentos, e cuidam das crianças” (Bayar, 2009, p. 57). Raymond San Geroteo também faz esta dupla dispersão. Por um lado, não parece ter palavras fortes o suficiente para condenar a não-intervenção da França antes de 1939, a acolhida reservada aos derrotados, o esquecimento da dívida com os *guerrilleros* que lutaram pela libertação do país, as dificuldades criadas pela integração, o racismo cotidiano... Por outro lado, ele multiplica

anotações do tipo: “Teu pai ficou surpreso ao ver seus padrões se envolvendo tanto quanto seus empregados.”[...] As boas vindas reservadas aos estrangeiros de passagem, vermelhos, o espantavam. “A França estava alguns séculos à frente da Espanha”, pensava ele. “Em sua Aragão natal ele nunca encontrou tanta consideração com um miserável lavrador como ele” (San Geroteo, 2008, p. 55). Às vezes, os autores expressam indulgência e compreensão pelos que acolhem: “Mais tarde, Emilio descobre que em um mês mais de 500 mil pessoas foram, como eles, acolhidas. E ele compreende as dificuldades da França que recebeu, sem estar preparada para tanto, tal onda de infelizes” (Fillol, 1999 [1986], p. 51). Em *Les oliviers de l'exil*, San Geroteo inverte a perspectiva, atribuindo aos refugiados a pobre acolhida que lhes reservavam:

Hijo, a perspectiva de um êxodo em massa de nosso exército aterrorizava as autoridades. Nós éramos revolucionários revirando o território nacional como “bordas terroristas”. Porque éramos sujos e frequentemente esfarrapados, realmente causávamos má impressão. O comportamento de alguns camaradas inconscientes e arrogantes chocava os nativos. Alguns provocavam a multidão, chamando ruidosamente, cantando, às vezes, canções revolucionárias, estendendo o punho esquerdo bem alto (San Geroteo, 2006, p. 129-130).

Ao mesmo tempo que redistribui responsabilidades, San Geroteo exclui a grande maioria dos franceses, para focar nos aparelhos políticos, e ainda não em todos, apenas naqueles da direita. Albert Bueno, mais do que compreender e desculpar, se maravilha:

A França, o país dos Direitos Humanos, tinha acolhido os miseráveis algumas décadas atrás e hoje recebe os refugiados, os exilados, os republicanos, os filhos da liberdade. Como ela fazia? Abria suas portas para 500 mil espanhóis. Nenhum país no mundo até agora tinha feito tal gesto. [...] Mas o que ligava a França e a Espanha a tal ponto que ela estendia a mão cada vez que os espanhóis em dificuldades se apresentavam em seu território? Que lição de humanismo para este povo descendente de conquistadores! A Espanha jamais teria sido capaz de tais sacrifícios. A Espanha tinha acabado de perder a revolução, ela poderia ter sido um exemplo para o mundo com este projeto de coletivismo. Depois de ter perturbado o resto do mundo quatro séculos atrás com a conquista, depois de ter sido responsável pela hegemonia do velho continente, de seu pensamento único, ela naufragou na miséria, no despotismo, no fracasso de um ideal (Bueno, 2007, p. 148-149).

O romance hesita, sujeito a uma oscilação que não é independente deste duplo produto da memória que é a vítima e o herói da resiliência. Isso pressupõe que a memória requer, para si, ao mesmo tempo, todos os males (o desprezo, a exclusão, o racismo, as dificuldades de inserção e de integração...) e as possibilidades de ressurreição (o trabalho, a habitação, o reagrupamento familiar...). Na ausência de um quarto tipo de atores que poderiam incorporar estas possibilidades de ressurreição, ela implica necessariamente um terceiro termo *janusien*, neste caso, o francês bem e mal acolhedor.

No entanto, a ambiguidade da figura do francês em 1939 no romance também pode ser entendida como a ressonância de um duplo hiato. Para os descendentes de espanhóis no exílio, e para todos os descendentes de exilados (“econômicos”, repatriados que se reconhecem nesta memória), não deve ser tão simples na verdade conciliar a fidelidade para com outras origens e o sentimento de dívida com a sociedade que os integra. Quanto aos franceses “de nascimento” que também fazem acontecer e existir esta memória, sua margem de manobra parece também limitada. Qual compromisso imaginar de fato na hora de assumir de vez a culpabilidade de seu país “mal acolhedor” e sua sincera simpatia pelos republicanos fracassados na França? A pintura impressionista dos franceses de 1939 pode muito bem ser compreendida como a derivação de todas estas esquizofrenias.

A esquizofrenia não é apenas o fato do francês, integrado ou “de nascimento”, que se expressa nos escritos do romancista. Podemos encontrar seus sintomas no romancista militante, como René Grando, Claude Marti ou Raymond San Geroteo. Este último expressa sua dupla postura diretamente no romance, que, por conseguinte, balança entre pontos de vista relativamente irreconciliáveis. Assim, sem temer a incoerência, ele condena o “revisonismo rasteiro defendido por alguns que tenderiam a dar as costas aos beligerantes desta guerra de horror” (San Geroteo, 2006, p. 181), aderindo, sem reservas, ao argumento da corresponsabilidade pela guerra, entre outras contradições. Quanto aos outros dois autores, é independentemente de seu ponto de vista de militantes que subscrevem a retórica romanesca. Esta forma de grande divisão nas maneiras de pensar o passado sugere que as inflexões tão características do romance, que a leitura cruzada das obras permitiu colocar em evidência, devem muito ao gênero, à sua própria lógica. Deveríamos nos surpreender? Não completamente, quando temos em mente as conclusões das críticas literárias sobre o romance de memória espanhol. Elas afirmam que a literatura é fundamentalmente um espaço de dissonâncias, onde se afirma a memória, por muito tempo não-autorizada, dos derrotados, respaldada pela recusa da política do esque-

cimento defendida pelo mais alto nível do Estado (Vila, 2001). Do outro lado dos Pireneus, o romance francês não se situa tão claramente do lado da militância memorial. Certamente, como o presidente de associação e o historiador nativo, o romancista participa de uma memória da vitimização, mas se difere fundamentalmente. Não só a empurra ao ponto de subverter a figura do *guerrillero*-herói em derrotado depressivo, mas também a retoma para imaginar os resultados da fatalidade dos males causados pelos caprichos da história. Nos antípodas da celebração da figura do velho combatente, longe também da autopiedade martirológica, seu heroísmo da resiliência detona tanto quanto a imagem positiva da acolhida que é capaz de convocar. A prevalência do imperativo romanescos sobre a necessidade memorial alimenta incontestavelmente esta lacuna. Isto resulta de uma hierarquização diferencial de prioridades: a exposição da consciência de si, prerrogativa do romance desde o século XIX, aqui se sobrepõe à produção de identidade coletiva fundamentalmente envolvida em todo trabalho de memória. De modo que estes romances, que em primeira leitura podíamos considerar mais plenamente “de memória” que outros, levando em conta o desaparecimento da comunidade memorial dos destinos individuais rememorados, permitem uma apreciação mais matizada. Sem tomá-los como uma das ilustrações desta figura de linguagem, que é “a mistura da água e do óleo”¹¹, dizemos que os romances de memória mantêm o oxímoro¹². Eles não deixam de ser escritos como tais, e não apenas escritos e apresentados como tais, mas também lidos. Considerando o paradoxo que a análise aponta, o estudo de sua recepção, completamente conduzida, augura estimulantes “prolongamentos”.

Referências

- AUGE, M. 1998. *Les formes de l'oubli*. Payot, Paris, 123 p.
- BAYAR, M. 2009. *Un figuier venu d'ailleurs: La Retirada*. Paris, Oskar, 78 p.
- BOUJU, E. 2010. Exercices de mémoires possibles et littérature “à-présent”: la transcription de l'histoire dans le roman contemporain. *Annales HSS*, 2:417-438.
- BUENO, A. 2007. *La Couleur du Safran*. Cesson-Sévigné, Coëtquen, 208 p.
- CLAVEL, B. 1973. *L'Espagnol*. Paris, J'ai Lu, 437 p.
- CHABROL, J.-P.; MARTI, C. 1984. *Les petites Espagnes*. Paris, Grasset, 297 p.
- FILLOL, L. 1999. *Il fera beau demain*. Paris, Flammarion, Coll Castor Poche, 177 p.
- FLAHAULT, F.; HEINICH, N. 2005. La fiction, dehors, dedans. *L'Homme*, 175-176:7-18.
- GARCIA-MAYNADIER, M. 2009. *Elles s'appelaient Maria*. Sète, Flam, 247 p.
- GRANDO, R., 1994. *Les babouins du zoo de Barcelone*. Perpignan, Trabucaire, 189 p.
- HERNANDEZ, D., 2007. *Les vendangeurs du Caudillo*. Perpignan, Mare Nostrum, Coll Polar, 276 p.
- MERLO-MORAT, P. 2009. *Littérature espagnole contemporaine*. Paris, PUF, 256 p.
- MUXEL, A. 1996. *Individu et mémoire familiale*. Paris, Nathan, 229 p.
- POUYTES, J.-L. 2005. *La défunte*. Brive-la-Gaillarde, Editions Les 3 Épis, 441 p.
- ROSA, I. 2010. *Encore un fichu roman sur la guerre d'Espagne: lecture critique de la Malamemoria*. Paris, Christian Bourgois, 478 p.
- SAN GEROTEO, R. 2006. *Les Oliviers de l'exil*. Pau, Cairn, 285 p.
- SAN GEROTEO, R. 2008. *La Fille de l'Anarchiste*. Pau, Cairn, 117 p.
- SEBBAN, O. 2008. *Amapola*. Paris, Le Seuil, 381 p.
- SEBBAN, O. 2009. *Le jour de votre nom*. Paris, Le Seuil, 405 p.
- VILA, J. 2001. La génération des fils: mémoire et histoire. In: A. BUSSIERE-PERRIN (org.), *Le roman espagnol actuel: pratique d'écriture: 1975-2000, Tome II*. Montpellier, Editions du Centre d'Etudes et de recherches sociocritiques, p. 197-235.
- CHAUMONT, J.-M. 2002. *La concurrence des victimes: génocide, identité, reconnaissance*. Paris, La Découverte, 384 p.
- JIMENES, G. 2007. *L'enfant de Guernica*. Paris, Oskar, 207 p.
- LEGRAIS, H. 2007. *Les enfants d'Elisabeth*. Paris, Presses de la Cité, 269 p.
- MEMBRIBE, F. 2007. *Ultime tercio à Salamanque*. Perpignan, Mare Nostrum, Coll Polar, 143 p.
- MESTRE, S. 2009. *La lumière et l'oubli*. Paris, Denoël, 379 p.
- VILLEGAS, J.-C. 2009. *Le roman de Claudio*. Binges, Le Grenier à Sel, 341 p.

Referências complementares

- CHAUMONT, J.-M. 2002. *La concurrence des victimes: génocide, identité, reconnaissance*. Paris, La Découverte, 384 p.
- JIMENES, G. 2007. *L'enfant de Guernica*. Paris, Oskar, 207 p.
- LEGRAIS, H. 2007. *Les enfants d'Elisabeth*. Paris, Presses de la Cité, 269 p.
- MEMBRIBE, F. 2007. *Ultime tercio à Salamanque*. Perpignan, Mare Nostrum, Coll Polar, 143 p.
- MESTRE, S. 2009. *La lumière et l'oubli*. Paris, Denoël, 379 p.
- VILLEGAS, J.-C. 2009. *Le roman de Claudio*. Binges, Le Grenier à Sel, 341 p.

Submetido em: 02/12/2010

Aceito em: 20/06/2011

Sylvie Sagnes
IIAC (UMR 8177)
LAHIC (CNRS, EHESS, Ministère de la Culture)
94 Rue de Verdun – 11000
Carcassonne, France

¹¹ Expressão idiomática: “mariage de la carpe et du lapin”, ou seja, “casamento entre a carpa e o coelho” (N.T.).

¹² Denominação atribuída a frases ou palavras contraditórias.